

O Imaginário na Formação Cultural Libanesa no Rio Grande do Sul na Primeira Metade do Século XX: Identidades e Representações

El Imaginario en la Formación Cultural
Libanesa en Rio Grande do Sul en la Primera
Mitad del Siglo XX: Identidades y
Representaciones

The Imaginary in the Cultural Formation of
Lebanese People in Rio Grande do Sul in the
First Half of the 20th Century: Identities and
Representations

EDUARDO RITTER¹

Resumo: Com base nos conceitos de diáspora em Hall (2009) e de imaginário em Silva (2020) e Durand (2021), esta pesquisa investiga como essas abordagens se entrelaçam ao analisar o caso dos imigrantes libaneses que chegaram ao Rio Grande do Sul na primeira metade do século XX. No imaginário popular, os brasileiros frequentemente agrupavam todos os ex-súditos do Império Otomano sob a designação genérica de "turcos", ignorando as particularidades culturais e identitárias de cada povo, como os libaneses. A presença desses imigrantes na região contribuiu para a formação de um imaginário próprio da diáspora libanesa, moldado por aspectos como a atividade comercial, a manutenção da língua, a criação de clubes e redes de apoio, o papel da família e do matrimônio, bem como a relação estabelecida com as populações locais.

¹ Pós-doutorando no Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Doutor em Comunicação Social pela PUCRS com estágio doutoral (PDSE/Capes) na New York University (NYU). E-mail: rittergaucho@gmail.com

Palavras-chave: Diáspora; Imaginário; Imigração; Identidade; História.

Resumen: Basándose en los conceptos de diáspora en Hall (2009) e imaginario en Silva (2020) y Durand (2021), esta investigación analiza cómo estas perspectivas se entrelazan a través del estudio del caso de los inmigrantes libaneses que llegaron a Rio Grande do Sul en la primera mitad del siglo XX. En el imaginario popular, los brasileños solían referirse a todos los antiguos súbditos del Imperio Otomano con la denominación genérica "turcos", sin considerar las diferencias culturales e identitarias de cada pueblo, como los libaneses. La presencia de estos inmigrantes en la región contribuyó a la construcción de un imaginario propio de la diáspora libanesa, influenciado por elementos como la actividad comercial, la preservación del idioma, la creación de clubes y redes de apoyo, el papel de la familia y el matrimonio, así como la relación establecida con las poblaciones locales.

Palabras clave: Diáspora; Imaginario; Inmigración; Identidad; Historia.

Abstract: Based on the concepts of diaspora in Hall (2009) and imaginary in Silva (2020) and Durand (2021), this research explores how these perspectives intersect by examining the case of Lebanese immigrants who arrived in Rio Grande do Sul in the first half of the 20th century. In popular perception, Brazilians often referred to all former subjects of the Ottoman Empire as "Turks," disregarding the cultural and identity distinctions of each people, such as the Lebanese. The presence of these immigrants in the region contributed to shaping a distinct imaginary of the Lebanese diaspora, influenced by aspects such as commercial activity, language preservation, the establishment of clubs and support networks, the role of family and marriage, and interactions with local populations..

Keywords: Diaspora; Imaginary; Immigration; Identity; History.

Introdução

O Líbano, independente desde 1943, já fez parte de diversos impérios, sendo o último o francês, após o fim do domínio do Império Otomano (1299-1923). Contudo, foi o Império Otomano que ficou marcado na imagem dos libaneses que migraram para diversos países, incluindo o Brasil, no final do século XIX e início do XX, com passaportes expedidos por esse império (BITTENCOURT-FRANCISCO, 2020). Esses imigrantes inicialmente foram vistos sob a ótica reducionista de “povo turco”, mas, ao longo do tempo, desenvolveram uma identidade cultural própria, distanciando-se dessa imagem. Assim, o problema

de pesquisa deste artigo é investigar como a identidade cultural dos imigrantes libaneses no Rio Grande do Sul foi formada, com base na ideia de imaginário como ambiente, conforme proposto por Durand (2001).

O objetivo principal desta pesquisa, portanto, é refletir teoricamente, a partir de pesquisa bibliográfica e documental, sobre a formação dessa identidade, que culminou, por exemplo, na criação da Academia Líbano-Brasileira de Letras, Artes e Ciências no final de 2022. Hall (2009, p. 28) afirma que, embora se presuma que a identidade cultural seja algo fixo, fatores como pobreza e subdesenvolvimento podem levar à migração e à dispersão. No entanto, sempre há a esperança do retorno, como o autor destaca.

De acordo com o Ministério das Relações Exteriores do Brasil, em 2018, a população de libaneses e descendentes no país é estimada em 7 milhões, enquanto a população do Líbano é de cerca de 5,5 milhões. Para entender o início dessa relação, é necessário considerar o histórico de conflitos armados que marcaram a história do povo libanês, tema do primeiro tópico deste artigo. Em seguida, são abordados os conceitos de diáspora, com base em Hall (2009), e imaginário, a partir de Durand (2001) e Silva (2020). A pesquisa se baseia na Análise de Conteúdo de Bardin (2011) e no levantamento de Bittencourt-Francisco (2020), que consultou fontes como o Arquivo Nacional, o IBGE e a imprensa da época para mapear os imigrantes libaneses no estado.

Das guerras à diáspora: um breve histórico do Líbano e o surgimento da rota brasileira

Antes da independência, em 1943, o território onde hoje se encontra o Líbano passou por uma história complexa e multifacetada. Com origens ancestrais que remontam a civilizações antigas, como fenícios e cananeus, o Líbano foi palco de diversas transformações ao longo dos séculos. O império Romano e o Bizantino marcaram presença na região, além de uma série de disputas regionais e influências culturais que moldaram o território. Esse contexto gerou uma sociedade libanesa marcada pela busca constante por refúgio e melhores oportunidades fora de suas fronteiras. O repórter britânico Robert Fisk, que viveu mais de 20 anos no Líbano, sintetiza essa história no livro *Pobre Nação* (1990), em que ele descreve as diversas guerras que marcaram o país, com ênfase na Guerra Civil Libanesa (1975-1990). Fisk observa que os conflitos que ocorreram no norte de Beirute, no Nahr al-Kelb, ou rio do Cachorro, são

representações de 25 séculos de exércitos que deixaram suas marcas nas paredes do desfiladeiro.

A lista de exércitos e povos que passaram pela região é longa, incluindo Nabucodonosor II, a Terceira Legião Gaélica de Marcus Caracalla, os gregos, assírios, egípcios, árabes, além da força expedicionária francesa de 1860 e as tropas do general Gouraud no mandato francês. Segundo Fisk (2007, p. 93), “todos, de algum modo, foram impelidos a marcar sua passagem pelo leito desse pequeno riacho”. A presença de diferentes forças estrangeiras é uma constante na história libanesa. Fisk ainda observa que a Organização para a Libertação Palestina (OLP), os sírios, sauditas, norte-iemenitas, sudaneses, israelenses, americanos, franceses, italianos, britânicos, todos chegaram ao país com a promessa de restaurar a soberania do Líbano, mas acabaram permanecendo por longos períodos, contribuindo para o sofrimento da população local.

Com esse contexto de intensos conflitos e ocupações estrangeiras no território libanês, surge a questão de como o Brasil se tornou um destino de imigração para os libaneses. Parte da resposta está na visita de Dom Pedro II ao Líbano, em 1876, quando percorreu diversos povoados montado em uma égua branca (KHATLAB, 2015). Essa visita causou grande impacto simbólico e afetivo entre os libaneses, que já enfrentavam uma vida marcada por guerras, instabilidade política e precariedade agrícola, despertando o interesse em migrar.

No entanto, esse movimento também deve ser compreendido dentro de um cenário político-econômico mais amplo no Brasil. A partir da década de 1870, o Império iniciou uma série de políticas voltadas à atração de imigrantes estrangeiros, sobretudo europeus, com o objetivo de suprir a crescente demanda por mão de obra nas lavouras de café, em decorrência das sucessivas leis que caminhavam para a abolição da escravidão – como a Lei do Ventre Livre (1871) e, posteriormente, a Lei dos Sexagenários (1885). Embora as campanhas oficiais tenham sido mais intensas na Europa, a imagem de um Brasil como terra de oportunidades também chegou ao Oriente Médio, especialmente por meio de redes familiares e relatos de viajantes. Assim, a imigração libanesa deve ser compreendida tanto pelo impulso externo (crises no Líbano) quanto pelas condições internas do Brasil, que buscava reorganizar sua estrutura produtiva com base na mão de obra imigrante.

De acordo com Khatlab (2015, p. 135), “algumas pessoas, ao ouvir dos pais o relato sobre o imperador brasileiro, decidiram emigrar para o Brasil e hoje têm seus netos e bisnetos no Brasil, que ainda falam da passagem do imperador”. As condições de vida no Líbano, baseadas em uma economia de escambo, na qual as famílias dependiam da agricultura para o sustento, foram um fator importante na decisão de emigração. No entanto, mais do que aspectos econômicos, é importante considerar que os libaneses traziam consigo um imaginário já constituído, ancorado em valores como a centralidade da família, o respeito às tradições religiosas, a importância da honra e do trabalho comunitário. Esses elementos faziam parte da experiência cotidiana e moldavam uma percepção de mundo que, ao serem transpostos para o contexto brasileiro, passariam por ressignificações. Assim, o imaginário que chega ao Brasil não é uma tábula rasa, mas carrega marcas simbólicas e afetivas da terra de origem, influenciando diretamente a forma como os imigrantes interpretam a nova realidade, criam vínculos e se organizam social e culturalmente. É esse imaginário prévio, forjado nas montanhas e aldeias do Líbano, que se entrelaça com as experiências vividas no Brasil, contribuindo para a construção de uma identidade híbrida e de novas formas de pertencimento.

Assim, a visita de Dom Pedro II ajudou a consolidar o Brasil como um dos principais destinos de imigrantes libaneses. No entanto, o movimento migratório foi ainda mais facilitado pela regulamentação oficial da imigração no Brasil, em 1860 (KHATLAB, 2015), o que criou um ambiente mais propício para a vinda de imigrantes árabes, principalmente sírios, libaneses, palestinos e egípcios. Para o estudo proposto, delimitamos geograficamente o Rio Grande do Sul, um estado que recebeu uma parcela significativa desses imigrantes. A chegada dos libaneses ao Brasil, especialmente entre 1895 e 1914, foi um fenômeno migratório importante. Segundo estimativas, o número de imigrantes libaneses no Brasil, incluindo seus descendentes, é de cerca de sete milhões de pessoas atualmente.

A pesquisa de Bittencourt-Francisco (2020), que descreve a chegada de libaneses e sírios ao Rio Grande do Sul, é essencial para esta análise. O estudo, baseado em pesquisa bibliográfica, documental e entrevistas com descendentes e imigrantes, revela que a diáspora libanesa foi global e simétrica, ocorrendo simultaneamente em várias partes do mundo, inclusive dentro do próprio Líbano, quando cristãos das montanhas migraram para

Beirute após os massacres da década de 1860. Bittencourt-Francisco (2020, p. 33) destaca que a entrada de libaneses no Brasil foi particularmente expressiva entre 1895 e 1914, nos anos 1920 e após 1945, embora o movimento migratório tenha começado antes e continue até os dias atuais.

A obra de Murilo Meihy (2016), *Os Libaneses*, também é uma importante contribuição para o estudo da migração libanesa, além de fornecer uma visão cultural sobre os imigrantes. Meihy destaca que o Líbano é uma “encruzilhada cultural”, onde as relações entre Oriente e Ocidente se dissolvem. Como ele observa, “um simples passeio pelas ruas das grandes cidades libanesas revela que o Líbano é uma encruzilhada cultural onde os clichês mais clássicos sobre a relação entre Oriente e Ocidente se dissolvem” (MEIHY, 2016, p. 12). Para uma compreensão mais aprofundada do processo migratório dos libaneses e seu impacto na formação da diáspora no sul do Brasil, é fundamental compreender os conceitos de diáspora e imaginário que serão explorados a seguir neste estudo.

Diáspora e imaginário: diálogos possíveis

Inicialmente, vale destacar que o deslocamento do ser humano ao redor do globo procurando novos pontos de fixação ocorre há milênios. “Talvez todos nós sejamos, nos tempos modernos – após a Expulsão do Paraíso, digamos – o que o filósofo Heidegger chamou de *unheimlichkeit* – literalmente, ‘não estamos em casa’” (HALL, 2009, p.26). Conceitualmente, entende-se diáspora como a dispersão de um grupo étnico, cultural ou religioso de sua terra de origem para diferentes regiões do planeta (COHEN, 2008). No entanto, esse conceito envolve mais do que o simples deslocamento territorial. A literatura especializada aponta uma série de características recorrentes nas experiências diaspóricas, como o desejo de retorno, as dificuldades de adaptação ao país anfitrião e a presença de traumas coletivos.

As diásporas mantêm uma memória, visão ou mito sobre sua terra natal original; acreditam que não são — e talvez não possam ser - totalmente aceitas pelo país anfitrião; veem sua terra ancestral como um lugar de eventual retorno quando o tempo for apropriado; e sua consciência e solidariedade de grupo são significativamente definidas por essa contínua relação com a terra natal (COHEN, 2008, p. 26).

Contudo, o conceito contemporâneo de diáspora tem se expandido, incorporando também os imigrantes transnacionais, cujas vivências migratórias não se encaixam necessariamente nos modelos clássicos, mas que ainda

constroem identidades baseadas na conexão contínua entre múltiplos territórios.

Independentemente de o deslocamento ser voluntário ou forçado, há sempre o encontro entre grupos de origens diferentes quando há tais movimentos, afinal, ele pode surgir a partir da fuga de pessoas que buscam a sobrevivência saindo de uma região em guerra ou na chegada de colonizadores que se valeram da violência para dominar certas regiões, como aconteceu no caso da colonização europeia na América Latina e no continente africano, por exemplo. A partir disso, Hall (2009) aponta que inicialmente se pensava na diáspora de uma forma mais fechada, centrada em uma concepção binária de diferença, onde predominava a separação entre o “nativo” e o “estrangeiro”, o “nós” e o “eles”. Essa lógica reforçava fronteiras simbólicas de exclusão, construindo o imigrante como o “outro” – alguém que pertence a um exterior ameaçador ou exótico, e que, ao entrar em contato com o país anfitrião, seria visto como um corpo estranho. No contexto da imigração libanesa no Brasil, por exemplo, muitos imigrantes foram inicialmente percebidos de forma ambígua: ora como trabalhadores úteis à economia emergente do pós-abolição, ora como representantes de uma cultura “diferente”, frequentemente estigmatizada nos ambientes em que se inseriam ao chegar ao Brasil.

Hall (2009, p. 33), ao estudar a diáspora caribenha, chama atenção para a superação dessa leitura binária e essencialista, propondo o entendimento da diáspora a partir de uma “noção derridiana de *différance* – uma diferença que não funciona através de binarismos, fronteiras veladas que não separam finalmente, mas são também *places de passage*”, ou seja, zonas de transição e negociação. Os significados identitários, nesse sentido, não são fixos, mas relacionais e posicionais, sempre se deslocando “ao longo de um espectro sem começo nem fim”. No caso da diáspora libanesa, essa concepção se expressa na maneira como os descendentes constroem identidades híbridas, articulando elementos da cultura libanesa (como a língua, a culinária e os rituais religiosos) com práticas brasileiras, formando espaços simbólicos e materiais onde fronteiras são constantemente ressignificadas.

Como mencionado por Hall (2009), todas as relações diaspóricas envolvem processos de troca e convergência, ou, como define Canclini (2013, p.39), hibridez. “Considero atraente tratar a hibridação como um termo de tradução entre mestiçagem, sincretismo, fusão e os outros vocábulos empregados para

designar misturas particulares”. Há, então, o encontro entre grupos de pessoas que passam a se relacionar das mais diferentes maneiras, pois cada um tem o seu próprio passado, suas próprias memórias e cultura. “Não podemos retornar a uma unidade passada, pois só podemos conhecer o passado, a memória, o inconsciente através de seus efeitos, isto é, quando este é trazido para dentro da linguagem e de lá embarcamos numa (interminável) viagem” (CHAMBERS, 1990, p. 104). Ou seja, é através da linguagem, entendida aqui como expressão comunicacional diversa, que tais relações começam a ser concretizadas.

Mesmo em um mundo globalizado, com comunicação instantânea proporcionada pelas plataformas digitais, cada grupo de pessoas que se desloca carrega consigo a identidade da terra que deixou para trás. Essa dinâmica é particularmente evidente na migração libanesa contemporânea, onde os imigrantes e seus descendentes mantêm uma relação direta com suas origens, utilizando as plataformas digitais para fortalecer os laços culturais, preservar tradições e criar uma ponte contínua com a terra natal. No contexto atual, a tecnologia oferece novas formas de conexão, permitindo que os imigrantes compartilhem experiências, participem de redes sociais e mantenham vínculos com suas raízes, o que torna o distanciamento físico menos significativo. Contudo, conforme explicado anteriormente, vale ressaltar que esse não é o foco do presente artigo, feita tal menção apenas no sentido de contextualizar a temática. Analisar a utilização das redes sociais pelos migrantes libaneses contemporâneos, inclusive, renderia outra pesquisa.

Voltando à questão histórica, a migração libanesa histórica, especialmente no final do século XIX e início do século XX, foi marcada por diferentes condições. Embora a comunicação fosse mais limitada, o imigrante libanês também carregava consigo a identidade de sua terra natal, e a memória de sua origem era mantida através de laços familiares, culturais e religiosos, apesar da distância. Esse processo de continuidade é essencial para entender a relação entre identidade e migração, especialmente quando observamos como as tradições e as experiências passadas são transmitidas e transformadas ao longo do tempo.

Esse vínculo entre o passado e o presente, entre a tradição e a adaptação, é descrito por Hall (2009, p. 29), que afirma: “Esse cordão umbilical é o que chamamos de ‘tradição’, cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua ‘autenticidade’”. Hall enfatiza que a tradição, embora possa parecer estática, na verdade é uma construção

dinâmica, um mito que molda os imaginários coletivos, influencia ações e dá sentido às histórias pessoais e coletivas. Em vez de ser algo fixo, a tradição é constantemente reconfigurada nas diásporas, como um elo vivo entre os imigrantes e suas origens, seja por meio de práticas culturais, seja por meio da forma como essas práticas são reimaginadas em novos contextos.

Assim, tais relações passam a ser complexificadas, pois, como aponta Hall (2009), elas transcendem a simplicidade dos binarismos e fronteiras, sendo uma construção relacional e posicional que se desloca ao longo de um espectro contínuo, desafiando categorizações fixas. Essas categorizações fixas, historicamente, podem ser entendidas como as divisões rígidas entre "nós" e "eles", onde a diferença era muitas vezes simplificada e estereotipada, marcando claramente a distinção entre os imigrantes e os nativos. Exemplos dessas categorizações incluem as ideias de "estrangeiro" versus "nacional", "cidadão" versus "não-cidadão" ou até mesmo "civilizado" versus "bárbaro", muito presentes nas ondas migratórias anteriores, especialmente no período de grande imigração para o Brasil, quando os imigrantes libaneses eram muitas vezes vistos por uma lente excludente, com base em suas origens étnicas e religiosas.

Entretanto, ao longo do tempo, essas categorizações foram desafiadas e começaram a se deslocar, especialmente com as mudanças sociais, políticas e culturais ocorridas no século XX e XXI. Na migração contemporânea, essas dicotomias rígidas não são mais tão eficazes para descrever a experiência dos migrantes, sobretudo em contextos transnacionais. Hoje, muitos imigrantes mantêm laços constantes com seus países de origem por meio de redes digitais, o que permite um movimento contínuo e uma identidade fluida, que desafia categorizações fixas de pertencimento e cidadania. Assim, a migração contemporânea, com sua dinâmica transnacional e as possibilidades oferecidas pelas tecnologias de comunicação, apresenta uma relação mais fluida e multifacetada entre os migrantes e suas novas sociedades.

Isso pode parecer imune a uma mudança recente no local de residência em um primeiro momento, mas as relações humanas são dinâmicas e fluidas, sempre sujeitas a transformações contínuas. Mesmo com a migração, as trocas sociais, culturais e identitárias não param de ocorrer. Embora os imigrantes se encontrem em um novo contexto, as influências da terra natal e as adaptações ao novo ambiente se entrelaçam, criando novas redes de significados e vínculos. As relações humanas não são homogêneas, mas constantemente

reconfiguradas à medida que o passado e o presente se mesclam, com as trocas e interações ocorrendo de forma contínua e evolutiva. Tais intercâmbios culturais, contudo, não apagam as marcas das memórias sobre a terra que foi deixada, o que muitas vezes faz com que a vontade do retorno nunca seja completamente abandonada. “A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades – os legados do Império em toda a parte – podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor” (HALL, 2009, p. 28). Mesmo não havendo tal retorno, há nesses processos uma copresença entre os povos que acaba sendo fundamental para que tais comunidades formem uma imagem dos outros e de si mesmas.

Outra perspectiva importante para abordar a temática é a de Mohammed ElHajji (2023), que propõe uma reconceitualização da diáspora, afastando-se de definições essencialistas e fixas para compreendê-la como um processo dinâmico e relacional, que se dá na interseção entre deslocamento, memória e comunicação. Para o autor, a diáspora não é apenas uma condição de exílio ou afastamento territorial, mas um espaço simbólico em que se constroem identidades múltiplas e híbridas, mediadas por práticas comunicacionais que atravessam fronteiras físicas e culturais.

Destarte, ElHajji (2023) defende que o sentido da diáspora contemporânea está intrinsecamente ligado às mídias digitais, que funcionam como plataformas de (re)articulação de pertencimentos e de reconfiguração dos laços sociais. “A compreensão satisfatória do fenômeno migratório exige a consideração de diversos aspectos da vida do sujeito migrante, sua comunidade e seu entorno social, político, econômico, cultural e tecnológico” (ELHAJJI, 2023, p.58). Assim, a diáspora deixa de ser vista como uma ruptura traumática e passa a ser pensada como um campo de agenciamento identitário, em que migrantes se tornam protagonistas de narrativas transnacionais, produzindo novos sentidos de lugar, comunidade e cultura.

Já o conceito de imaginário é complexo e abrangente. Como afirma Silva (2003, p. 7), “Todo imaginário é real. Todo real é imaginário. O homem só existe na realidade imaginal. Não há vida simbólica fora do imaginário”. O imaginário funciona como um recurso interpretativo, influenciando as percepções coletivas e individuais sobre a diáspora, e desenhando as formas como os migrantes se veem e como são vistos pelos outros. “O imaginário é a marca digital simbólica

do indivíduo ou do grupo na matéria do vivido” (SILVA, 2003, p.12). Essa frase sugere que o imaginário não é apenas uma construção abstrata, mas sim uma “marca digital simbólica”, ou seja, uma impressão ou traço deixado pelas experiências vividas por indivíduos ou grupos. A expressão “marca digital” remete à ideia de um registro profundo e singular das vivências, que, embora não seja visível fisicamente, está presente nas memórias, crenças e comportamentos dos imigrantes. Esse conceito foi desenvolvido por Silva (2003) para destacar a maneira como o imaginário molda a percepção das identidades e as relações entre os membros de um grupo, especialmente em contextos de deslocamento e migração. No caso dos movimentos migratórios contemporâneos – que não é o foco principal deste artigo – essa marca digital simbólica não apenas reflete a cultura de origem, mas também as interações e adaptações no novo contexto, influenciadas pelas redes sociais digitais e as trocas transnacionais. Assim, as identidades migrantes, construídas através dessas marcas simbólicas, tornam-se fluidas e multifacetadas, capazes de atravessar fronteiras físicas e culturais.

Durand (2001) destaca que o imaginário é uma estrutura fundamental em todas as culturas humanas, envolvendo simbolismo, polaridades e arquétipos nas formações imagéticas. Ele afirma que o imaginário é uma mediação entre a realidade concreta e a subjetividade humana, sendo uma construção evolutiva, dinâmica e complexa, influenciada por aspectos sociais, históricos e culturais. Para Durand (2001, p.42), “a cultura e a psicologia” são os elementos centrais para a compreensão do imaginário, pois o essencial da representação e do símbolo se encontra entre esses dois polos interligados.

Considerando tais premissas, Silva (2020) apresenta uma sistematização com cinco possibilidades para se pensar o imaginário. São elas: 1) imaginário como ambiente ou atmosfera; 2) imaginário como ficção compartilhada; 3) imaginário como fantástico do cotidiano; 4) imaginário como memória afetiva; e 5) imaginário como excedente de significação. Para a presente pesquisa, optou-se pela perspectiva de imaginário como ambiente, em uma convergência dos olhares apresentados por Silva (2020) e Durand (2001), que apontam o imaginário como uma aura que não se pode ver, mas que é possível se sentir, ou seja, seria como uma atmosfera ou um ambiente.

Análise de conteúdo: categorizando o imaginário diaspórico libanês

A pesquisa proposta é de caráter qualitativo e bibliográfica, desenvolvida a partir de material previamente elaborado, como livros e artigos científicos (GIL, 1994, p.71). A Análise de Conteúdo, de Bardin (2011), é adotada como a abordagem metodológica mais adequada para alcançar os objetivos. Como parte desse processo, o intuito não é apenas identificar padrões explícitos, mas também revelar camadas latentes de sentido. Nesse sentido, Sá Martino (2018, p.160) observa que “o objetivo é desmontar as mensagens, mostrando aspectos despercebidos em um primeiro momento”. Ou seja, trata-se de uma investigação que busca ir além da superfície textual, revelando elementos simbólicos, representações e significados que, muitas vezes, passam despercebidos numa leitura comum. Para isso, optou-se pelo sistema de categorias, definidas após a observação das principais características do material. A pesquisa seguiu as etapas de pré-análise, exploração do material e, finalmente, o tratamento e a interpretação dos resultados obtidos. De acordo com Bardin (2011, p. 44), o interesse está “no que estes nos poderão ensinar após serem tratados (por classificação, por exemplo) relativamente a ‘outras coisas’”, buscando uma análise que vá além da simples descrição dos conteúdos.

Com base na pesquisa de Bittencourt-Francisco (2020), e levando em consideração aspectos históricos e culturais que resultam na diáspora libanesa, apresentados por outros autores, como Meihy (2016), Fisk (2007) e Khatlab (2015), elencou-se as seguintes categorias:

Quadro 1: apresentação das categorias e onde foram identificadas

Categoria	Onde aparecem?
1) Profissão/Atividade econômico	Em que setores os imigrantes conseguiram se inserir ao chegar ao Rio Grande do Sul e quais atividades predominaram entre os filhos de pais imigrantes?
2) Educação/Língua	Como foi a inserção dos imigrantes no sistema educacional sul-brasileiro considerando o aprendizado da língua portuguesa e presença do árabe no cotidiano dos libaneses?
3) Clubes/Sociedades/Redes de apoio	Como os imigrantes que chegavam do Líbano eram recebidos pelos que chegaram antes ao Rio Grande do Sul?
4) Família/Matrimônio	Como foi a relação cultural entre a tradição da estrutura familiar árabe e a cultura ocidental do país onde os imigrantes estavam chegando?

Fonte: Elaboração própria do autor

Por fim, vale reforçar que todas as categorias vão ser analisadas a partir da delimitação espaço-temporal: Rio Grande do Sul da primeira metade do século XX.

Laços transoceânicos: diáspora e imaginário na sociedade libanesa do sul do Brasil

A viagem de Dom Pedro II ao Oriente foi registrada em diário e recuperada por Khatlab (2015). Nos textos do imperador brasileiro, já aparece a primeira categoria identificada nesta pesquisa: a atividade econômica, que traria consigo a imagem que os ocidentais passariam a fazer dos imigrantes libaneses, principalmente através da arte de negociar produtos que ficou conhecida como mascate. A palavra começou a ser usada na língua portuguesa justamente por ser o nome da cidade árabe de onde vieram os primeiros imigrantes do Oriente Médio no Brasil (Mascate, capital do Omã), que trabalhavam comprando e vendendo os mais variados produtos. Já em árabe, conforme Khatlab (2015), mascate é *Ahla Kacha*, que significa “povo da caixa”. Esse dinamismo e personalidade empreendedora, inclusive, foi o que chamou a atenção de Dom Pedro II, que aprendeu a falar árabe justamente pelo grande número de imigrantes do Oriente que já viviam no Rio de Janeiro, capital brasileira da época, antes das suas viagens. Conhecendo o povo árabe, um dos objetivos da visita que ele fez ao Líbano e a outros países em 1876 foi trazer mão de obra para desenvolver o vasto território brasileiro.

Khatlab (2015, p. 355) descreve essa característica do povo árabe que chamou a atenção do então imperador do Brasil:

O monarca observou no povo árabe o dinamismo, o espírito aventureiro, ativo e empreendedor, e constatou que até mesmo os intelectuais tinham seu lado comercial, herdado de seus antepassados, comerciantes por excelência, graças aos intercâmbios comerciais e culturais que escreveram a sua história. Tais características de dinamismo e mobilidade eram de grande importância num país tão vasto quanto o Brasil, que estava se expandindo e precisava de muita mão de obra.

Os primeiros imigrantes libaneses que vieram ao sul do Brasil encontraram no comércio sua principal atividade econômica. Os mascates tiveram papel fundamental no desenvolvimento do interior do país, “pois chegavam aonde nem o correio chegava na época, levando novidades e notícias das cidades grandes e favorecendo assim o intercâmbio entre o campo, os povoados e as cidades” (KHATLAB, 2015, p. 356). Tal tradição comercial, portanto, é um

primeiro aspecto que pode ser destacado como elemento fundador da identidade cultural libanesa no Rio Grande do Sul, pois o discurso da cultura nacional, ao longo das décadas, vai se alterar e se transformar, mas, pelo menos em um primeiro momento, sem perder a sua essência. “Ele constrói identidades que são colocadas, de modo ambíguo, entre o passado e o futuro. Ele se equilibra entre a tentação por retornar as glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção à modernidade” (HALL, 2014, p. 33).

O comércio foi essencial na formação identitária dos imigrantes libaneses, especialmente a figura do caixeiro viajante. Esse estereótipo foi ampliado por personagens literários como Riobaldo e Balduino, de *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos. Pilagallo (2012) também retratou a profissão no Brasil. No Rio Grande do Sul, entre 1939 e 1949, 522 dos 753 imigrantes sírios e libaneses eram homens, e 352 eram comerciantes, sendo apenas 10 caixeiros viajantes (BITTENCOURT-FRANCISCO, 2016). A maioria dos libaneses, contudo, se estabeleceu no comércio, reforçando a associação entre árabes e essa atividade. “O imaginário estrutura-se na errância: assimilação, apropriação, assimilação e acaso” (SILVA, 2003, p. 14).

Ainda sob a perspectiva econômica, o movimento migratório libanês para o Brasil na primeira metade do século XX também pode ser interpretado a partir da ideia de imaginário social articulada com a análise de Sayad (1998). Conforme já abordado, os imigrantes libaneses foram impulsionados por um imaginário de progresso e ascensão econômica – tanto em relação à terra de destino, vista como espaço de oportunidades, quanto ao desejo de superação das dificuldades vividas em sua terra natal. No entanto, ao chegarem ao Brasil, depararam-se com um imaginário local que os enquadrava como mão de obra barata e os posicionava simbolicamente em uma zona marginal da sociedade, com funções utilitárias para o projeto de expansão econômica do país.

Essa dupla construção imaginária aparece de forma contundente na reflexão de Sayad (1998, p. 46-47):

Enquanto a expansão econômica, grande consumidora de imigração, precisava de uma mão de obra permanente e sempre mais numerosa, tudo concorria para assentar e fazer com que todos dividissem a ilusão coletiva que se encontra na base da imigração. [...] O resultado disso tudo foi que todos acabaram por acreditar que os imigrantes tinham seu lugar durável, um lugar à margem e na parte inferior da hierarquia social, é verdade, mas um lugar duradouro.

O caso libanês exemplifica como o imaginário tanto impulsiona os deslocamentos quanto molda as percepções e os limites impostos aos sujeitos

migrantes no país de acolhida, contribuindo para sua fixação em posições sociais, ainda que vistas como legítimas e permanentes.

Ao mesmo tempo em que os imigrantes libaneses buscavam uma inserção na economia do Rio Grande do Sul, eles também tinham outra adversidade a ser enfrentada: a aprendizagem da língua portuguesa e o ingresso, principalmente dos filhos, no sistema educacional local. Chega-se, portanto, à segunda categoria deste estudo. Segundo Bittencourt-Francisco (2016), é ponto consensual entre os pesquisadores da História e da Antropologia sobre imigrantes libaneses no Brasil a importância que eles davam à educação formal de seus filhos. Ou seja, muitos utilizavam a atividade no comércio para financiar os estudos dos descendentes. O autor cita o exemplo do Colégio Anchieta, de Porto Alegre, que em 1916 contava com apenas um aluno libanês e chegou aos 23 em 1929. Assim, ao longo da primeira metade do século XX, foi se formando duas principais correntes na ocupação dos imigrantes libaneses no Rio Grande do Sul.

De fato, enquanto alguns descendentes estudavam, inclusive entrando em cursos superiores, outros jovens imigrantes chegavam ao Brasil, igualmente no início de suas jornadas, e começavam suas trajetórias de mascate pelo interior, em que não raro se estabeleciam em cidades emergentes pela instalação de novas colônias ou nos distritos menores de cidades médias, depois de alguns anos trabalhando como ambulantes (BITTENCOURT-FRANCISCO, 2016, p.204).

A imigração de jovens, inclusive, é uma das características dos movimentos diaspóricos, como aponta Barbosa (2009), ao pesquisar os movimentos migratórios do século XIX. “Assim, movimentos de imigrantes, especialmente na primeira metade do século XIX, eram frequentemente compostos de um grande número de jovens, pessoas que tinham menos restrições familiares do que seus compatriotas” (BARBOSA, 2009, p.25). No caso libanês, como aponta Meihy (2016) e Bittencourt-Francisco (2016), o processo era o mesmo: geralmente primeiro era registrada a chegada de um homem jovem que, após se estabelecer em solo brasileiro, trazia o restante da família. Foi esse o processo que aconteceu, por exemplo, com o empresário Jacques Halal. Conforme aponta Ritter (2022), Halal nasceu no Líbano em 1943 e, após o pai, Geroges Halal, migrar para Pelotas, no interior do Rio Grande do Sul, no início dos anos 1950 para trabalhar no comércio local, ele se juntou à família apenas em 1955. Chegando ao Brasil, ele passou a trabalhar com o pai e, anos depois, após se tornar um grande empresário local, financiou os estudos dos filhos e dos netos.

Destarte, tem-se aqui um elemento característico do movimento diaspórico: a preocupação dos imigrantes que chegam com as futuras gerações de sua comunidade. Tal processo de imersão na sociedade do local para onde se migra, no caso dos libaneses que vieram para o Rio Grande do Sul da primeira metade do século XX, concentrava-se, portanto, na imersão na atividade econômica, especialmente através do comércio, e na inclusão de crianças e adolescentes em instituições de educação formal. Foi assim que aconteceu o encontro entre culturas distintas – ocidental e árabe – em um processo intercultural. “Pertencem, de fato, a um movimento transnacional, e suas conexões são múltiplas e laterais. Marcam o fim da ‘modernidade’ definida exclusivamente nos termos ocidentais” (HALL, 2009, p.44).

Ao reconhecer que esses imigrantes faziam parte de um movimento transnacional e que tinham tais conexões múltiplas e laterais, percebe-se que suas vidas e identidades estavam profundamente enraizadas em um contexto global. Suas experiências, influências e contribuições desafiaram a visão estritamente ocidental da modernidade dos que aqui já estavam, enriquecendo-a com perspectivas diversas e conectando diferentes partes do mundo. A história dos imigrantes libaneses no Rio Grande do Sul é, portanto, um exemplo vívido da complexidade das migrações transnacionais e das formas pelas quais diferentes culturas e identidades moldam as nações com intercâmbios não apenas econômicos, mas também culturais.

Em cada imersão, seja na atividade econômica, seja na educacional, os libaneses carregaram consigo a tradição da terra de onde vieram e isso também se refletiu no imaginário que se criou acerca dos imigrantes. “O passado libanês é o patrimônio maior de seu povo, e já que muitos deles reivindicam para si certo encantamento pelos fenícios, que habitaram as terras na Antiguidade, cabe aqui respeitar essa escolha feita mais com o coração do que com a razão” (MEIHY, 2016, p.24). Todos esses aspectos vão contribuir para a formação do imaginário como um ambiente, como um lugar que se caracteriza muito mais pelas suas características do que por números quantitativos. “Não vemos a aura, mas podemos senti-la. O imaginário, para mim, é essa aura, é da ordem da aura: uma atmosfera. Algo que envolve e ultrapassa a obra” (DURAND, 2001, p. 75).

Em seguida, como terceira categoria identificada após a análise do material, estão os clubes, sociedades e redes de apoio. Longe da sua terra natal, esses primeiros imigrantes se uniam para enfrentarem juntos as dificuldades

provocadas pela diáspora libanesa, formando verdadeiras redes de solidariedade, como bem aponta Bittencourt-Francisco (2020, p. 224): “Fosse em Buenos Aires, Dakar, Marselha, Nova York ou Rio de Janeiro era comum a esses viajantes conhecer um parente, um vizinho ou um amigo que pudesse lhe oferecer apoio, até mesmo financeiro, durante a travessia e ampará-lo na chegada, facilitando sua adaptação”. Essa união entre os imigrantes foi fundamental para que diversas famílias não sucumbissem diante das dificuldades encontradas longe de casa, principalmente se considerar que o idioma e a cultura dos povos de origem e de destino eram completamente diferentes. Em um primeiro momento, os imigrantes se encontravam em bares e cafés onde se reuniam para conversar, até porque eles tinham o idioma em comum. Em pouco tempo, já estavam inaugurando sociedades organizadas, com sede, diretoria, cronograma de eventos e outras atividades que, não só ajudava na integração e fortalecimento da rede de apoio, mas também na inserção da comunidade libanesa na sociedade local.

Já nessas primeiras associações, os participantes dividiam um espaço para conversar, ler jornal, jornal gamão, xadrez e carteadado, beber *arak* e tomar café. Bittencourt-Francisco (2016) explica ainda que o surgimento de diversas associações na época da Primeira Guerra Mundial, como foi o caso de Pelotas e de Porto Alegre, também contou com a influência de comitês patrióticos que foram criados por iniciativa dos cônsules franceses no Rio Grande do Sul. Naquela época, entretanto, o lazer não era o único objetivo da criação dessas sociedades. Em Pelotas, por exemplo, o cônsul francês fundou um desses comitês patrióticos no início de 1917 em defesa da Síria e do Monte Líbano. A ideia era atrair os imigrantes para a luta contra a opressão do Império Turco e também “promover o alistamento militar entre eles, a fim de engrossar um suposto ‘batalhão sírio’ aquartelado na Ilha de Chipre que estava esperando ordens para embarcar de volta à Síria para lutar ao lado dos franceses contra os turcos no Oriente Médio” (BITTENCOURT-FRANCISCO, 2022, p. 228). Entretanto, no caso de Pelotas, a primeira Sociedade Libanesa se dissolveu aos poucos após o fim da Primeira Guerra Mundial, voltando a ser ativada novamente apenas em 1957, mantendo-se em funcionamento até hoje.

Tais ambientes físicos ajudam na formação de um imaginário entendido como atmosfera, que é explorada por Maffesoli (2007) e Durand (2001), que apontam o imaginário como uma aura que não se pode ver, mas é possível de se sentir, ou seja, seria como uma atmosfera ou um ambiente. Pode-se

argumentar, entretanto, que os elementos que ficam perceptíveis ao pesquisador estão apenas na superfície e que, assim, tais observações seriam superficiais. Contudo, também existe “intensidade na superfície dos fenômenos” (MAFFESOLI, 2007a, p. 41), que é parte para se compreender os fenômenos sociais. “Em minha opinião, essa sociologia geral deve aplicar-se menos à busca do ‘sentido oculto’ da existência do que à compreensão da ‘afirmação’ societal” (MAFFESOLI, 2007b, p. 192) A partir do caso libanês no sul do Brasil, é possível, então, pensar em um imaginário diaspórico que pode ser subdividido conforme as especificidades de cada situação: dos colonizadores, dos invasores, dos refugiados, dos que buscam uma vida economicamente melhor, etc. “Por imaginário, nessa linha, entende-se o ambiente em que algo está mergulhado, o que produz uma atmosfera, gera uma aura e caracteriza o ar de um tempo” (SILVA, 2020, p.9).

Neste sentido, por fim, a família e o matrimônio formam a última categoria apontada, estando diretamente relacionada com todas as outras. Assim como na natureza, o cedro é a principal marca do país, estando presente na bandeira libanesa, nos aspectos culturais, a família e o matrimônio são protagonistas. Meihy (2016, p.18) explica que, diferentemente do que se percebe em muitas culturas ocidentais, no Líbano se entende por família qualquer pessoa que possa ter alguma ligação passada com os seus antepassados. O reencontro entre familiares, seja no Brasil, seja no Líbano, é ilustrativo para entender a importância da família na cultura libanesa:

Não se trata apenas de pai, mãe e irmãos (o que já daria um número significativo de pessoas), mas de todas as 150 criaturas que vão lhe esperar no aeroporto com cartazes, flores e potes de plástico com porções de comida libanesa de que você mais gosta. O mundo inteiro se divide em dois tipos de pessoas, os parentes e os amigos da família, e toda a vez que você chega em casa, seus pais lhe apresentam um familiar desconhecido que resolveu fazer uma visita depois de 25 anos (MEIHY, 2016, p.18).

O mesmo vale para o matrimônio. O mesmo autor salienta que o indivíduo, quando se casa, independente do gênero, renasce socialmente por meio da cerimônia que envolve demonstrações públicas de crescimento econômico e social, geralmente feita através de grandes festas que apontam uma perspectiva rápida de ter filhos e status. “É por essa razão que todos são convidados aos casamentos libaneses, já que é preciso um grande número de pessoas para testemunhar o êxito de um projeto que não pertence somente aos noivos” (MEIHY, 2016, p.17). Principalmente se forem consideradas as confraternizações de união matrimonial da primeira metade do século XX, tal

tradição tinha um peso ainda maior. Assim como as outras três categorias, o matrimônio e a família auxiliam na formação de um imaginário da diáspora libanesa no Rio Grande do Sul, criando uma atmosfera própria que envolve tal comunidade. Todas as categorias apresentadas neste estudo se juntam às diversas outras características que formam o imaginário de um povo enquanto um ambiente ou atmosfera, tais como: o jeito de falar, os gostos, a cultura, as opções éticas ou estéticas, as ideologias, as mitologias e narrativas, as utopias, as ideias compartilhadas, enfim, “tudo aquilo que marca um modo de existência sendo causa e consequência de um momento singular. Imaginário, então, é o cenário e o brilho que dele emana” (SILVA, 2020, p. 10).

Considerações finais

Os aspectos históricos, culturais e econômicos que envolvem a diáspora libanesa no sul do Brasil permitem que seja feita a interpretação da criação de um imaginário no sentido dado por Durand (2001) e Silva (2020) como uma aura que não se pode ver, mas que é possível sentir, ou seja, seria como uma atmosfera ou um ambiente. “Boa parte das vezes, em situações cotidianas de conversação ou em tentativas de descrição de um conjunto complexo de vivências, é nesse sentido que se usa o termo imaginário” (SILVA, 2020, p. 9).

A partir da criação e da descrição interpretativa das quatro categorias apresentadas neste artigo, é possível, então, pensar em um imaginário diaspórico envolvendo libaneses que vieram para o Brasil na primeira metade do século XX, bem como no desenvolvimento da comunidade libanesa no sul do país nas décadas seguintes. Afinal, além das características, o imaginário, neste sentido, também fica diretamente relacionado à época em que tal ambiente foi formado. O termo imaginário, assim, pode ser interpretado como o substrato ontológico no qual algo se encontra imerso, dando origem a uma atmosfera transcendental e impregnando o ambiente com uma aura intrinsecamente única. Este conceito não apenas caracteriza a atmosfera de um determinado período temporal, mas também tece a ceda misteriosa da realidade, entrelaçando percepções, memórias e simbolismos em uma teia complexa e multifacetada que forja e forma a essência de uma época.

Diversos elementos podem estar intrinsecamente ligados a esse tipo de imaginário, formando a referida teia que permeia e define o imaginário e a identidade cultural de uma comunidade. Tal imaginário não se limita a uma

única dimensão, mas abrange uma miríade de facetas que compõem a essência de um grupo ou sociedade. Isso pode incluir a maneira única de se comunicar, as preferências culturais, as escolhas éticas e estéticas, as ideologias que moldam a visão de mundo, as mitologias e as narrativas que fundamentam a compreensão coletiva, além das utopias que alimentam os sonhos e aspirações, bem como as ideias compartilhadas que definem as bases de convivência. Em última análise, o imaginário transcende as categorias convencionais e emerge como um cenário multifacetado que irradia sua influência e resplandecência sobre a existência de uma sociedade, ao mesmo tempo em que é moldado e enriquecido por cada momento singular nas relações entre os povos.

O que Hall (2009) vai chamar de copresença de povos, por exemplo, vai resultar em uma relação cultural dialógica que segue sempre em constante transformação, envolvendo “nativos” e “recém-chegados”, formando, a partir de então, um imaginário, no sentido de um ambiente ou uma atmosfera como um lugar simbólico partilhado entre os imigrantes libaneses que chegavam ao sul do Brasil para formar uma identidade cultural plural e híbrida, lidando com convergências e divergências das culturas orientais e ocidentais, considerando a perspectiva crítica de Said (1990), que inclusive inicia o seu livro *Orientalismo* mencionando a guerra civil libanesa e Beirute. A partir disso, tem-se esse imaginário, que vai ser um dos elementos principais na formação cultural de tal comunidade, que é mais amplo e totalizante. Ou ainda, um imaginário, que como destaca Durand (2002), “é origem de libertação” e não de recalçamento. Encerrando este artigo, é importante ressaltar que o presente estudo integra o projeto de pesquisa intitulado “Narrativas da diáspora: imaginação, identidade e imigração”. As categorias identificadas ao longo desta análise serão objeto de investigações mais aprofundadas em estudos futuros. Ademais, espera-se que este estudo possa atuar como uma fonte de inspiração, incentivando outros pesquisadores a prosseguirem com a investigação dessa relevante temática. O aprofundamento no entendimento das narrativas da diáspora é fundamental para uma compreensão mais abrangente dos processos de identidade e imigração, contribuindo, assim, para o enriquecimento do conhecimento acadêmico e para o desenvolvimento de ações mais conscientes e inclusivas na sociedade.

Por fim, o que diferencia a diáspora libanesa das demais no Brasil é, em grande parte, a maneira como ela conseguiu não apenas sobreviver, mas

também reorganizar-se estrategicamente dentro do tecido social brasileiro, criando redes sólidas de apoio comunitário, empreendendo e ocupando espaços significativos na política, na economia e na cultura. Desde os primeiros fluxos migratórios – especialmente entre o fim do século XIX e a primeira metade do século XX – a comunidade libanesa soube articular um imaginário de integração “bem-sucedida”, frequentemente associado a valores como trabalho, família, fé e empreendedorismo. Talvez a principal particularidade dessa diáspora não esteja apenas em sua trajetória histórica, mas no modo como soube narrar a si mesma, construindo uma identidade comunitária que, em muitos contextos, deixou de ser vista como “estrangeira” e passou a ser considerada parte do próprio ideário nacional. Isso, por si só, já aponta para uma diferença fundamental frente a outras diásporas que, ainda hoje, enfrentam marginalização, racialização e exclusão – realidades que, curiosamente, costumam ser mais lembradas quando se fala em migração no Brasil.

Bibliografia

- BARBOSA, Rosana. **Immigration and Xenophobia** - Portuguese Immigrants in Early Nineteenth Century Rio de Janeiro. Lanham: University Press of America, 2009.
- BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BITTENCOURT-FRANCISCO, Júlio. **Dos cedros aos pampas: Memórias da imigração** - Sírios e libaneses no sul do Brasil. Curitiba: Brazil Publishing, 2020.
- COHEN, Robin. **Global Diasporas: An Introduction**. London: Routledge, 2008.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FISK, Robert. **Pobre nação**. São Paulo – Rio de Janeiro: Record, 2007.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- HALL, Stuart. **Da diáspora** – Identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 2013.
- ELHAJJI, Mohammed. **O intercultural migrante: teorias & análises**. Porto Alegre: Fi, 2023.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.
- KHATLAB, Roberto. **As viagens de D. Pedro II** – Oriente Médio e África do Norte, 1871 e 1876. São Paulo: Benvirá, 2015.
- MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum** – introdução à sociologia compreensiva. Porto Alegre: Sulina, 2007a.
- MAFFESOLI, Michel. **O ritmo da vida** – variações sobre o imaginário pós-moderno. Rio de Janeiro: Record, 2007b.
- MEIHY, Murilo. **Os libaneses**. São Paulo: Contexto, 2016.

PILAGALLO, Oscar; DIWAN, Pietra. **Comércio**: do mascate ao mercado. São Paulo: Folha de S.Paulo, 2012.

RITTER, Eduardo. Jacqueline Halal Pallamolla: quando trabalho e paixão se encontram. Pelotas: **Superávit Caseiro**, 2022. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/superavit/2022/05/02/perfil-jacqueline-halal-pallamollaquando-trabalho-e-paixao-se-encontram/>. Acesso em: 01 de agosto de 2023.

SÁ MARTINO. **Métodos de pesquisa em comunicação** – Projetos, ideias, práticas. Petrópolis: Vozes, 2018.

SAID, Edward. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração** – ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SILVA, Juremir Machado. Cinco versões de imaginário. **Revista Memore**. Tubarão: Unisul, 2020.

SOBRENOME, Nome. Título do artigo. **Título do periódico**, sigla da instituição, Cidade, nº, ano. P.inicial-final.

Recebido em: 24/03/2025

Aceito em: 21/05/2025